

Da Folkcomunicação à Guerra das Denominações: um diálogo entre Luiz Beltrão e Nêgo Bispo¹

Vinícius da Silva Coutinho²
Antônio Jorlan Soares de Abreu³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Bahia
Instituto Federal do Maranhão, Timon, Maranhão

Resumo: Este artigo analisa as intersecções entre o pensamento de Nêgo Bispo (2015), especialmente por meio do conceito de Guerra das Denominações, e a teoria Folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão (1980). Nessa perspectiva, investiga-se como ambos os autores abordam os processos de comunicação e produção de sentido nos contextos de marginalização e resistência cultural. A análise aponta que ambos os autores, ainda que partam de campos distintos, convergem na valorização dos saberes subalternizados e na defesa da autonomia epistemológica dos povos tradicionalmente excluídos. O artigo propõe, portanto, um diálogo entre essas duas abordagens como caminho para repensar a comunicação a partir das margens.

Palavras-chave: Folkcomunicação, Guerra das Denominações, Comunicação Contra-hegemônica, Contracolonização.

Introdução

Os diálogos independentes, porém, convergentes de representantes que não mantiveram contato direto e que estiveram separados geográfica, cultural e academicamente, revelam-nos olhares e vivências de um saber e criticidade acima da média, falamos de Luiz Beltrão e Nêgo Bispo.

Ambos, representantes atuantes de um discurso e prática una e valorativa, acerca de grupos sociais, construtores de saberes e competências, porém marginalizados aos olhos e espaços da elite aristocrática. Esta mesma elite estabelece o que deve ou não ser aceito, mantendo em via de regra os mesmos padrões por eles convencionados como belo, culto e valoroso.

Os discursos contra-hegemônicos de Beltrão (1980) e Bispo (2015) são irmanados por dialogarem diretamente com os grupos e as manifestações culturais que estavam/estão

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos; professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: viniciuscoutinho@uneb.br

³ Doutor em Ciências da Comunicação; professor do Instituto Federal do Maranhão (IFMA). E-mail: antonio.abreu@ifma.edu.br

à margem da sociedade elitizada. Este olhar, observar e ouvir o modo de comunicação feito pelo povo é peculiar destes escritores/pesquisadores/militantes. Destarte, apresentamos nossa temática.

O trabalho apresenta a confluência dos diálogos mantidos por Beltrão e Bispo enquanto discursos contra-hegemônicos do modo *mass media* de se constituir narrativas e promoções sociais. Beltrão, com sua exposição folkcomunicação, empreende por dar voz e visibilidade ao modo simplista, porém rico em conhecimento das observações do cotidiano, e ao mesmo transformá-las em saberes transmitidos de uma geração a outra, que se constituem como valores e identidades de um grupo (Beltrão, 1980).

Na compreensão de Bispo (2015), há uma conceituação das “Guerras das Denominações”, onde se impõe o discurso do colonizado mediante o colonizador, estabelecendo-se como uma contracolônização, que desafia as lógicas do colonizador como forma de valorizar a identidade e a cultura dos povos quilombolas, negros e indígenas, que encontram-se à margem da sociedade, contudo sendo os principais responsáveis pelo desenvolvimento e avanço por meio da força de trabalho e das manifestações populares, rica em significados e identidade.

O diálogo intercultural faz-se necessário em primeira instância para dar notoriedade ao apagamento e a proposta de invisibilidade instituída propositalmente pelos colonizadores/sociedade elitizada, como forma de resistência e apresentar, apesar de não se conhecerem, Beltrão e Bispo, mantiveram discursos, cada um dentro de sua composição de história de vida e lugar de fala, convergentes na valorização da sociedade que mantém a sociedade de pé, mas é mantida à margem do reconhecimento do ser humano.

Diante disso, esta pesquisa objetiva refletir sobre as interconexões entre os estudos de Luiz Beltrão e Nêgo Bispo. Os objetivos específicos são: revisar a teoria Folkcomunicação e o conceito Guerra das Denominações; verificar os pontos de encontro entre os pensamentos destes autores e analisá-los como proposta de comunicação contra-hegemônica.

Para tanto, o artigo trata de uma pesquisa com abordagem qualitativa, guiada a partir de revisão de literatura, tendo como base os conceitos de Folkcomunicação (Beltrão, 1980) e Guerra das Denominações (Santos, 2015). Nesse sentido, Minayo (2000, p. 36) destaca que o pesquisador deve adotar a perspectiva qualitativa como caminho quando seu objeto busca revelar “significados da ação humana que constrói a

história”. A autora também aponta que “qualquer pesquisa social que pretenda um aprofundamento maior da realidade não pode ficar restrita ao referencial apenas quantitativo”.

Segundo Goldenberg (2004, p. 17), esse tipo de pesquisa se volta para “o aprofundamento de um grupo social”, buscando também entender os “aspectos da realidade que não podem ser quantificados voltando-se para o entendimento das dinâmicas sociais”. Destarte, Minayo (2017) ressalta, e que esta pesquisa se atenta, é quanto à “dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas”, e, assim, se apresenta “menos preocupada com os aspectos que se repetem”.

Ademais, de acordo com Gil (2022), as fontes bibliográficas podem ser livros, publicações periódicas e materiais impressos. Assim, o autor destaca que a revisão pode ser feita por meio de “[...] teses e dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e de resumo” (Gil, 2002, p. 64). Aqui, escolhemos trabalhar especialmente com dois livros publicados pelos autores citados: “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” (1980) e “Colonização, quilombos: modos e significações” (2015).

A Folkcomunicação como teoria que pensa os povos marginalizados

A teoria folkcomunicação surgiu em 1967 com a pesquisa de doutorado do nordestino Luiz Beltrão, na Universidade de Brasília. Beltrão (1980) estudou os processos comunicacionais da cultura popular, caracterizados por suas expressões tradicionais produzidas pelo povo e para o povo.

Esse trabalho desenvolvido por Beltrão, é o grande responsável por uma teoria da comunicação genuinamente brasileira, que foi primeiramente reconhecida fora do país e depois ganhou seguidores brasileiros que mesmo após sua morte, a mantém viva, atuante e altamente híbrida, comungando nos mais variados segmentos, seja no urbano ou rural.

Com o decorrer do tempo, pesquisadores passaram a identificar ramificações mais específicas da teoria folk, como por exemplo, o Folkturismo, que segundo Campos e Lucena Filho (2012), materializa-se quando os elementos folclóricos/populares são utilizados como instrumentos de apoio na atividade turística. E o Folkmarketing,

discutido por Miranda & Dornelles (2022), Santana; Tessaroto e Coutinho (2022) enquanto uso no contexto empresarial do marketing para a valorização da cultura.

Para além destes exemplos citados, há uma sequência de raízes folk que dialoga com as mais diversas modalidades de cultura popular presentes em cada canto e recanto, são representatividades genuinamente populares, geradas no seio das comunidades que se tornam identidade, referência, pertencimento.

É nesse fio condutor que reside a teoria beltraniana, estabelecendo ligações, mas principalmente deixando à mostra os hábitos e costumes dos grupos sociais que os constitui enquanto identidade de um local e/ou traduzindo o próprio local como figura totêmica, contudo, colocado na condição de desvalorização, apregoados com a denominação de cultura inferior, de marginalizados.

A teoria beltraniana surge e desenvolve-se a partir de um olhar e um sentir das vivências pensar e agir dos grupos sociais que vivem sob a égide de hábitos e costumes passados de uma geração para outra, o modo de saber fazer, mas também se constitui e revalida enquanto elemento agregador, ao olhar e amalgamar, as variantes populares que vão surgindo aos longos dos anos nos meios populares e sendo envolvidos pelas comunidades, na qualidade de existência e principalmente, resistência a identidade cultural.

Essa valorização das manifestações culturais é o ponto de partida de validação da teoria beltraniana, a partir do momento em que Beltrão (1980) se propõe a promover as ações desenvolvidas por esta sociedade, tida como marginal, ouvindo, observando e compreendendo que muito do que está vivo na sociedade em geral são elementos constituídos a partir do modo de fazer desses grupos. De onde transmitem por meio da oralidade e da forma de exemplificação e resistindo aos formatos de *mass media* existentes.

Não se trata apenas de uma teoria acadêmica, mas de um gesto ético e político. Beltrão decide validar aquilo que a elite intelectual considerava ruído: os modos próprios de dizer e fazer do povo. Ele identifica ali uma comunicação legítima, ancestral e complexa. Uma comunicação que resiste, mesmo sem o aval das grandes mídias, mesmo à margem dos jornais e das redes, pois pulsa no corpo, na voz e na experiência coletiva.

A folkcomunicação nasce como um grito de pertencimento. Ela afirma: há saber onde disseram que havia ignorância; há estética onde apontaram feiura; há fé onde negaram racionalidade; há método onde apontaram caos. O que Luiz Beltrão faz,

portanto, é inaugurar uma teoria genuinamente brasileira, reconhecendo nos costumes e tradições populares um campo fértil de produção simbólica e comunicacional.

A teoria de Beltrão, pensa, age e resiste a partir dos povos marginalizados. Tendo em vista que a própria teoria encontra campo de resistência para ser disseminada nas academias, espaço onde a produção intelectual é e deveria ser massificada. A Rede Folkcom é exemplo clássico de resistência, mas acima de tudo, recepção e promoção das mais variadas formas de cultura popular.

A Guerra das Denominações e a reinvenção do ato de comunicar dos marginalizados

Antônio Bispo dos Santos (2015), mais conhecido como Nêgo Bispo, entende que, ao longo da história, foram desconsideradas as diversas autodenominações dos povos originários e afrodiaspóricos, ocultadas por meio da relação colonialista que opera entre as relações.

Nêgo Bispo (2015, p. 27) pontua que “os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/desumanizar”. Com isso, esses povos originários foram descaracterizados e essa identidade generalizada que foi construída é composta principalmente por características negativas.

O autor analisa os movimentos de insurgência e resistência frente aos modelos hegemônicos impostos desde a colonização. Destaca que é por meio da chamada “Guerra das Denominações” que se estrutura o modelo de dominação observado nas Américas e em outras partes do mundo. Nesse contexto, o ato de nomear processos e realidades torna-se uma estratégia de controle simbólico, que contribui tanto para o apagamento da história dos povos originários quanto para a invisibilização daqueles que foram trazidos à força e foram escravizados.

Como proposição, Bispo (2015) opta por utilizar “Contracolonial”, em vez de “decolonial”, pois, na perspectiva do autor, os povos quilombolas e originários rejeitaram o processo de colonização e lutaram para defender os territórios tradicionais. O autor propõe a mudança de “Tradição” como “passado morto” para uma tradição como “sabedoria viva”, já que a ideia de tradição é frequentemente usada de forma pejorativa para designar o que é ultrapassado ou folclórico. Bispo (2015) combate essa visão,

afirmando que a tradição nos quilombos é instrumento de invenção, adaptação e resistência, ou seja, não é algo fixo, mas uma base viva para a continuidade da luta e da existência negra.

Esses exemplos demonstram como, para Nêgo Bispo, nomear é uma forma de dominação ou de libertação, dependendo de quem nomeia e com que intenção. A "Guerra das Denominações" é, portanto, uma disputa por poder simbólico, por legitimidade epistemológica e por autonomia narrativa. Para resistir a essa guerra, os povos com tradição devem reivindicar o direito de se autodefinir, com suas próprias palavras, lógicas e tempos.

Logo, o autor propõe esse conceito como uma estratégia comunicacional de resistência, que busca renomear conceitos e objetos a partir da cosmogonia dos povos afropindorânicos. Para Nêgo Bispo, essa expressão não se refere a uma designação formal de etnias específicas, mas sim a uma forma de reconhecer identidades e culturas resultantes da fusão de tradições, práticas, saberes e conexões entre povos africanos e indígenas.

Nesse sentido, Seixlack (2024, p. 200) complementa pontuando que a “Guerra das denominações” surge como uma “estratégia de recomposição da memória e da identidade dos povos que passaram por processos de desterritorialização”. Assim, o método de Bispo surge como uma disputa de repertório, contrariando o repertório imposto pelo colonialismo ao apresentar novos termos e ressignificações.

Portanto, Nêgo Bispo propõe trazer os saberes ancestrais da oralidade para a escrita, com uma potencialidade transformadora e material com consequente impacto nas práticas discursivas. Por fim, temos como outros exemplos das denominações propostas por Bispo: “pindorânicos”, utilizado para substituir “indígenas”; “envolvimento” como algo muito superior – e em contraposição – a “desenvolvimento”, comum aos mais diversos discursos de dominação.

Bispo (2015) encontra e vive a resistência até o final de sua passagem terrena, os motivos em primeira instância certamente estão ligados a sua raça (negra), a sua cor (preta), ao seu modo de ser/apresentar-se (humilde), aos seus trajes (simples) e ao seu discurso firme e contra-hegemônico.

Que bom seria um bate-papo entre uma dose de pinga e um copo de café.

Um café e dois dedos de prosa com Beltrão e Nêgo Bispo: intersecção de pensamentos

A intersecção entre o pensamento de Nêgo Bispo, especialmente por meio do conceito de "Guerra das Denominações", e a "Folkcomunicação" de Luiz Beltrão, revela um território fértil de reflexões críticas sobre epistemologias marginalizadas e processos comunicacionais alternativos, enraizados nas experiências dos excluídos do projeto moderno-colonial.

Nêgo Bispo, pensador quilombola, propõe o conceito de "Guerra das Denominações" para denunciar como o poder hegemônico impõe nomeações e categorias que deslegitimam os saberes e modos de vida dos povos tradicionais. Para Bispo (2015), dar nome é exercer poder: nomear o outro é um ato político que determina qual existência é válida e qual será invisibilizada ou estigmatizada.

Essa guerra simbólica, travada no campo da linguagem-comunicação, revela o embate entre cosmovisões. De um lado, o paradigma colonial-capitalista; do outro, os saberes ancestrais dos povos quilombolas, indígenas, camponeses e periféricos.

Luiz Beltrão (1980), ao cunhar o termo "Folkcomunicação", lança luz sobre as formas comunicativas dos marginalizados, especialmente dos grupos populares que, excluídos dos meios tradicionais de comunicação, constroem seus próprios sistemas de transmissão de saberes, cultura e resistência. A Folkcomunicação valoriza os circuitos informais — como a oralidade, os cordéis, as festas populares, o rádio comunitário — como legítimos e potentes veículos de expressão e contra-hegemonia.

Figura 01: Ilustração de bate-papo entre Beltrão e Bispo



Fonte: ChatGPT, OpenAI (2025)

O ponto de contato entre essas duas perspectivas se dá na valorização dos saberes e práticas comunicacionais que emergem das margens (Figura 01). Ambas denunciam o epistemicídio promovido pela colonialidade do saber: Bispo (2015), ao mostrar como a linguagem pode ser um instrumento de dominação simbólica; Beltrão (1980), ao evidenciar como os meios populares de comunicação são deslegitimados pela academia e pelos meios de massa. Enquanto a "Guerra das Denominações" desvela o conflito ontológico por trás das disputas semânticas e identitárias, a "Folkcomunicação" oferece ferramentas analíticas para compreender como os sujeitos oprimidos resistem a essas nomeações, criando contra-narrativas, reinventando linguagens e ressignificando símbolos.

Ambas as abordagens exigem que olhemos para as práticas comunicativas e os saberes populares não como resquícios do atraso, mas como epistemologias potentes. Nesse sentido, Nêgo Bispo e Luiz Beltrão se encontram na tarefa de contracolonizar o olhar, propondo não apenas uma inclusão dos marginalizados nos sistemas já existentes, mas o reconhecimento da autonomia e centralidade de seus próprios modos de existir, saber e comunicar.

Essa intersecção aponta para a necessidade de uma comunicação comprometida com a justiça epistemológica; uma comunicação que ouça, aprenda e se transforme a partir da sabedoria que brota dos quilombos, das periferias, das roças, das festas, das lutas. Em outras palavras, uma comunicação que reconheça o direito dos povos de se nomearem com suas próprias palavras.

Compreendemos este bate-papo, entre Beltrão e Bispo, na releitura de suas criações teóricas, as intersecções se hibridizam, como diria Canclini (2015), à luz de uma resistência contra-hegemônica. Tanto um quanto o outro convergem na proposta de uma valorização do saber fazer, da ancestralidade e das experiências promovidas em comunidade e para as comunidades.

Fica evidenciado que ambos, mesmo não tendo oportunizado um encontro presencial, trazem para a mesma prateleira de saberes a compreensão de que os grupos marginalizados carecem não somente serem ouvidos, mas que suas vozes sejam replicadas e dadas a elas o devido valor e identidade, constituída de termos vocativos que as representam. A comunicação é o palco necessário para uma acessibilidade e pluralidade dessas vozes.

Considerações

A presente pesquisa se propôs a lançar luz sobre o diálogo entre Luiz Beltrão e Nêgo Bispo, dois pensadores que, mesmo separados no tempo, no espaço e nas experiências pessoais, convergem na defesa dos saberes populares, das epistemologias marginalizadas e dos modos de existir forjados na oralidade, na ancestralidade e na resistência.

Ao revisitar a teoria da Folkcomunicação, cunhada por Beltrão, e cruzá-la com os princípios da Guerra das Denominações, formulada por Bispo, foi possível perceber que ambas as perspectivas constituem formas contra-hegemônicas de compreender a comunicação e a cultura. Beltrão legitima os modos de comunicação populares como fonte de conhecimento e identidade; Bispo propõe uma reinvenção do vocabulário colonial, recolocando os povos afropindorâmicos como autores de suas narrativas.

A intersecção entre essas abordagens escancara os silêncios construídos pelo projeto colonial e evidencia a necessidade de práticas acadêmicas e comunicacionais que se abram à escuta, ao envolvimento e à valorização das epistemologias do Sul. O que se propõe aqui é mais que uma análise teórica: é um reposicionamento político diante da história, da linguagem e da comunicação. Uma escuta ativa aos sujeitos historicamente silenciados e um convite à reinvenção dos marcos teóricos e simbólicos que regem a produção de sentido no Brasil. Isso também inaugura um repertório de ruptura no campo da comunicação, tanto em suas expressões midiáticas quanto acadêmicas, evidenciando a urgência de revisar termos e abordagens nas narrativas. Além disso, destaca-se a necessidade de inserir essas discussões nas pautas e de convocar fontes que ressoem com uma perspectiva contracolonial e alinhada à confluência com a natureza.

Portanto, este trabalho não encerra o debate, mas o inaugura como campo fértil para futuras investigações. Que outras vozes, narrativas e experiências possam emergir, contrariando repertórios coloniais e fortalecendo os saberes que mantêm viva a memória e a dignidade dos povos historicamente à margem. Como afirmam Beltrão e Bispo, comunicar é, acima de tudo, resistir.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.**São Paulo: Cortez, 1980.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília, D.F.: Universidade de Brasília, 2015.

CAMPOS, Leylane Bertoldo de; LUCENA FILHO, Severino Alves de. A Paisagem como um Elemento do Folkturismo na Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande –PB. In: SEMINÁRIO DE TURISMO DO MERCOSUL, 7, Caxias do Sul-RS, **Anais [...]**, 2012. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/a_paisagem_como_um_elemento.pdf. Acesso em: 06 jul. 2023.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MIRANDA, Ana Paula Almeida.; DORNELLES, Beatriz. Pesquisa de Folkmarketing: : ferramenta indispensável para gestão de negócios. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 20, n. 44, p. 143–158, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/20578>. Acesso em: 30 maio 2025.

SANTANA, F. M.; TESSAROTTO, M. A. de O.; COUTINHO, V. da S. Do Piauí para os piauienses: estratégias de folkmarketing da cerveja berrió na sociedade midiaticizada. In: **Anais Intercom [...]**, 2022. Disponível em: portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202217014562d85f2934221.pdf. Acesso em: 30 maio 2025.

SEIXLACK, Alessandra Gonzalez de Carvalho. Vozes da terra e ancestralidade: imaginando novas perspectivas para o Antropoceno. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 55, p. 191-206, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2024.81196>. Acesso em 10 jun. 2025.

SILVA, Alexandre Dutra da; LUCENA FILHO, Severino Alves de. Folkcomunicação e desenvolvimento local: um estudo sobre a Aruenda da Saudade e suas contribuições para o Folkturismo no município de Pitimbu-PB. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa/PR, Volume 18, Número 40, p.214-233, Janeiro/Junho, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19263/209209215234>. Acesso em 28 out. 2024.